

SARAH BERNHARDT

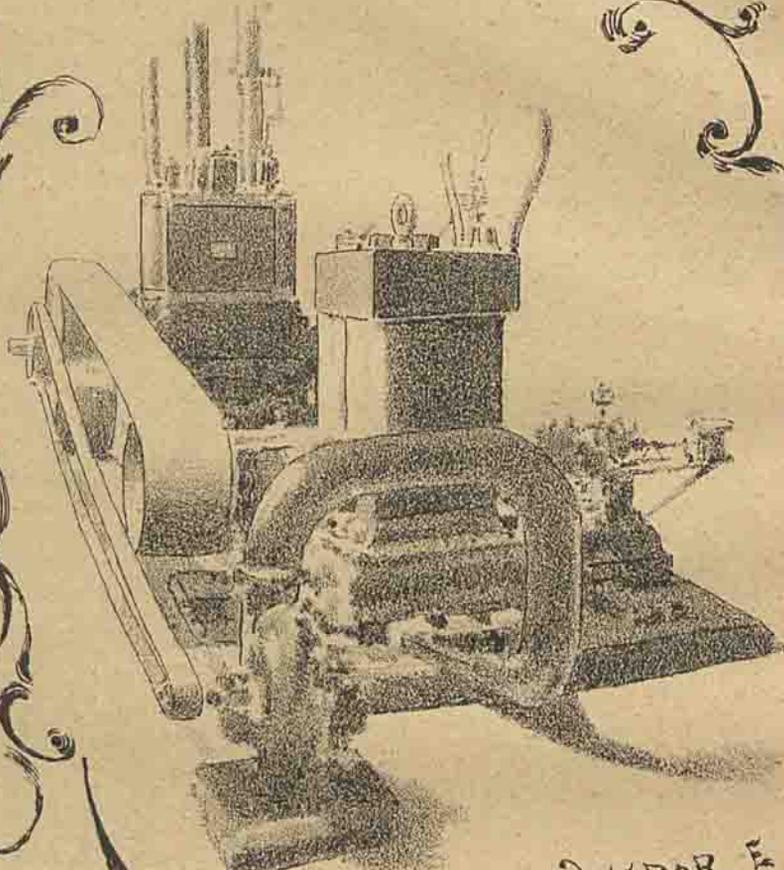


A primeira vez que não encontramos adjectivos na lingua portugueza—tão prodiga d'elles!
Limitamo-nos a cahir de joelhos!

A luz electrica no Porto

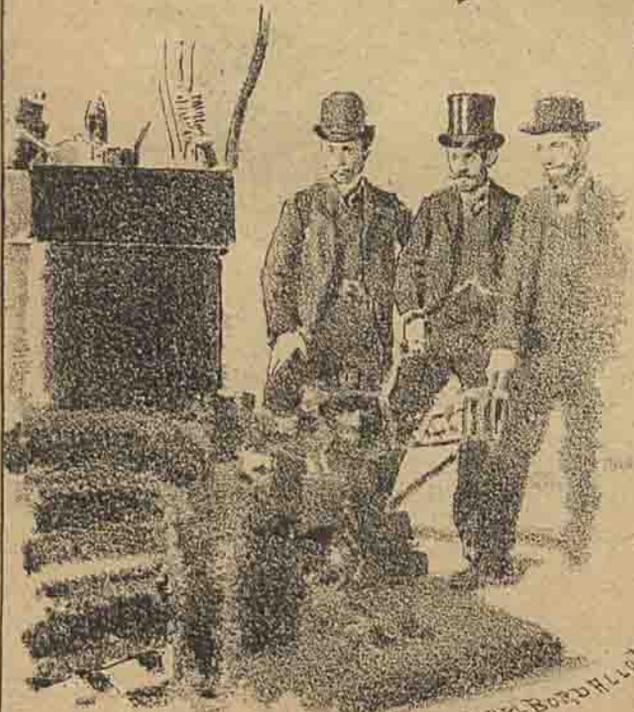


ARNALDO OLIVEIRA BRAGA
ADMINISTRADOR DA
COMPANHIA



MACHINA A VAPOR E
DYNAMO.

F. BAERLEIN
ENGENHEIROS



Foi inaugurada no Porto a nova installação da companhia de luz electrica, de que é representante em Portugal o conceituado industrial sr. Baerlain.

Côm este importante melhoramento a companhia fica habilitada a fornecer luz a toda a cidade do Porto onde ao presente já illumina grande numero de estabelecimentos, indo agora illuminar o theatro do Principe Real.

Sendo certo, como se diz, que o governo váe tornar obrigatoria a illuminação electrica em todos os theatros, o que reputamos indispensavel, parecia-nos de todo o interesse que se desse a preferencia á respeitavel casa Baerlain, que, pelas suas condições excepcionaes, e a unica que offerece garantias de seriedade, no caso provavel de se estabelecer em Lisboa uma installação como a que já existe no Porto.

Subscrição nacional promovida pela imprensa a favor das victimas sobreviventes do incendio do theatro Baquet.

Transporte	6\$900
D. Palmyra Ferreira Lima	100
Fernando Eduardo d'Andrade Costa	100
Eduardo Fernando d'Andrade Costa	100
<i>Somma</i>	7\$200

Continua aberta a subscrição, até o fim do corrente mez, no escriptorio da administração dos *Pontos nos II*, rua do Norte, 39, 1.º, onde pode ser entregue qualquer importância, cuja recepção se accusará.



Por ahí...



Para nos occuparmos da chronica d'esta semana temos de recapitular — como se costuma fazer nos romances salpicadinhos de peripecias e enredos.

Recapitulemos, pois.

O viandante que, no anno de 18** passasse pela rua do Oiro, levando a barba por fazer, e, querendo escanhoal-a, subis-se ao primeiro andar da casa n.*** d'aquella mesma rua, achar-se-hia n'uma confortavel sala, mobilada com um certo gosto, se bem que despretencioso, e fartamente alumiada—de dia pela claridade que lhe forneciam as suas largas janellas, de noite pelos bicos que lhe fornecia a companhia de iluminação a gaz.



Paiva se chamava o heroe d'este romance—queremos dizer, o dono d'aquelle estabelecimento.

Dotado de caracter bondoso e genio serviçal, bom mestre no seu officio, conceituado na vizinhança, tão liso em suas contas como os bandós dos seus freguezes depois de passados a pente de alisar, Paiva gosava com justo fundamento dos creditos de homem honesto e laborioso, homem por todos os titulos util á sociedade — a quem afmormoscava os queixos, ganhando o pão de cada dia á custa do suor da sua navalha.

E, sobre homem util, Paiva era um homem agradável para toda a gente.

Em resumo:—util e agradável.

Não faltava nada n'aquella santa casa, que bem podia chamar-se da misericórdia, pela observancia que d'este sentimento ali se fazia, no respeitante aos queixos dos freguezes.

Afabilidade sem limites, rhum e quina sem agua do pote; o pessoal delicadissimo, os cosmeticos da mesma qualidade: accio, rapidez, perfeição, modicidade de preços—e até duas caixas do musica, uma para o Natal e outra para as Endoenças, afim de não fatigar o tympano dos freguezes com o mesmo repertorio musical, mais d'uma vez por anno!



E a par de tudo isto—ou artes como natural consequencia de tudo isto—uma freguezia escolhida, illustrada, cavaqueadora, em cujo convivio até apetezia encontrar sempre meia duzia de queixos com directos de preferencia adquiridos por antiguidade, que nos retardassem a escanhoadela, facultando-nos um quarto d'hora de palestra; chegando uma pessoa por vezes a lastimar que as suissas humanas não tivessem costella de eucalypto, para crescerem a olhos vistos e a gente ter de ir ali rapar os queixos ao menos duas vezes por dia!

Tal era o estabelecimento do Paiva.



Um dia, porém, de repente, cae o raio em casa do Paiva!

O raio era um official de diligencias do tribunal da Boa-Hora. E a mão que o vibrou foi a do sr. Jehovah Firmino João Lopes.

O Paiva, caiu fulminado e todos os assistentes ficaram assombrados—sem exclusão da propria bandolina, que ficou leza da cintura para baixo!

Os que conheciam pessoalmente o Paiva, manifestaram logo um vivo espanto ao vel-o trocar sem mais nem menos os ferros de frisar pelos ferros d'el-rei.

—Póde lá ser! bradavam todos; o Paiva, um excellente caracter, um coração de pomba com tirocinio de official de barbeiro, um bello homem, incapaz de ferrar um lenho de dois millimetros nas bochechas d'um inimigo, accusado agora de metter dois metros cubicos de arsenio no bandulho de um amigo!!!

Porque, o que a sciencia affirmára, o que a medicina legal dissera, foi: que o Paiva arrumára nas entranhas do fallecido major Picão uma batelada de arsenio capaz de envenenar um elephante e mais todas as pessoas da sua familia!...



Recapitulemos outra vez.

Em seguida á morte do major Picão—que é uma especie de D. Ignez de Castro contemporanea, visto elle só depois de morto ser faliado, como ella só depois de morta foi rainha,—em seguida á morte do major Picão houve denuncia de que essa morte não fora natural,

SARAH BRNHARDT

DAMA DAS CAMÉLIA

TOSCA



ADRIANNA LECOUVREUR

TOSCA



PHILIP BORDALLO PINHEIRO

sendo promovida por envenenamento.

(Aqui notamos nós já um palpitante contracenso: havendo envenenamento, a morte não só nos parece *natural*, como até *naturalissima*... O envenenamento sem morte é que nos pareceria sobrenatural... Mas, adiante.)

Chamados pela justiça os peritos que ha vinte annos teem a seu cargo a fiscalisação interna de todo o districto de Lisboa suspeito de envenenado, começaram aquelles por proceder á vistoria intestinal na pessoa do fallecido major Picão, abrindo-lhe a barriga e tirando-lhe cá para fóra todo o recheio indispensavel á analyse chimica, a qual analyse ia fallar como Evangelho aberto.

O intestinos do Picão foram todos picados, cortados, retalhados, como se a sciencia pretendesse fabricar do pobre Picão morto um salpicão de se lhe lamber os beiços.

Feita a analyse com todo o escrupulo da sciencia e todos os *ff* e *rr* da consciencia, terminaram os peritos por declarar que o major Picão alpardava no bandullo tão asselvajada quantidade de arsenico, que até parecia que elle Picão nunca em sua vida fizera outra coisa senão comer e beber arsenico, sendo para suppor que o proprio leite com que o amamentaram á nascença fosse de alguma mulher de theatro, a qual, pelo costume de estar muito em scena, se achasse completamente saturada de *ar scenico*!...

D'ahi, o Paiva para o Limoeiro!



Descobre-se porém agora que o major Picão não morreu tal envenenado, e os proprios peritos o confessam, depois de haverem confessado o contrario!

Temos pois: o Picão virgem de arsenico, o Paiva martyr da sciencia e os peritos confesores... do que já se sabe...

O caso d'estes peritos, que ha vinte annos andam a encontrar arsenico nas visceras da humanidade fallecida, provando-se agora que as referidas visceras nunca tiveram semelhante coisa, leva-nos a crêr que elles peritos é que teem o arsenico inato nas suas respeitaveis pessoas e que, sem querer, o transmittem por contagio a tudo que lhes passe pelas unhas.

Isto posto e no interesse de apurar a verdade, nua embora crua, supponmos que a unica coisa a fazer é proceder quanto antes a uma autopsia em regra na pessoa dos mencionados peritos...

E, francamente, no caso do Paiva, parece-nos que lh'a faziamos sem mais fórma de processo e apenas com uma navalha de ponta e mola...



Como todas as coisas teem o seu lado util, este supposto envenenamento do Picão, largamente commentado na imprensa, veio trazer á luz da publicidade um outro factio também muito curioso e que directamente interessa todos os casos de suppostos envenenamentos.

Segundo refere um jornal, foram successivamente feitas para o tribunal competente varias remessas de visceras destinadas á analyse chimica, analyse que era adiada de mez para mez, como o casamento do principe Cornelio Gil, conservando-se as visceras ar-

recadadas lá n'um desvão, até que os ratos, dando com aquelle apetitoso deposito de corações, figados e tripas, e considerando muito ajuisadamente que era uma dôr d'alma deixar que o bafio entrasse com tão bons piteus, resolveram pregar com tudo na pá do bucho, saboreando os figados como se fossem feitos em iscas na travessa do Cotovello e devorando as tripas como se estivessem cosinhadas á portuense pela mão experimentada do incomparavel Reimão!



Ora este caso, dos ratos que devoram visceras destinadas á analyse chimica, combinado com o caso dos peritos que encontram toneladas de arsenico em intestinos por onde elle nunca passou, consitue a mais sabida das soluções para as hypotheses de envenenamento, podendo de futuro averiguar-se até á evidencia se ha visceras envenenadas, sem a necessidade perigosissima de as fazer passar pelos cadinhos da sciencia.

Bastará que, no caso de visceras suspeitas, se ponham estas á disposiçao dos ratos, offertando-lh'as graciosamente, á laia de petisqueira.

Se os ratos lhe lamberem os beiços ficando sãos como um pêro, é claro que as visceras não continham veneno algum; se, pelo contrario, entregarem a alma ao creador dos ratos, é porque as visceras estavam envenenadas!

Isto é infallivel, ao passo que as taes analyses chimicas já deram prova de falibilidade...

E digam-nos agora se a liberdade de todos nós não fica muito mais garantida confiando-a assim á decisao dos ratos, de que continuando a submettel-a ao arbitrio dos homens da sciencia...



Considerações d'um usurario

— Deus do ceu, que os bons escuta,
Não quiz fazer-me a mercê
De mandar que a morte astuta
Me lançasse a foice, á bruta,
Entre as chamas do Baquet!

— P'lo processo mais summario
Deixava o mundo maledico,
Acabando este fadario
Sem gastar co' o boticario
Nem mandar chamar o medico!

— Depois de soffrer a affronta
Da morte — ensejo propicio —
Tinha enterro... a coisa prompta,
Sem me vir pedir a conta
O irmão do padre Patricio.

Tinha responso taludo
Resado em todo o paiz,
Missas por grosso e miudo...
Tinha tudo, tudo, tudo,
Sem gastar uma de xl...



IMPRESSÃO DE MOMENTO



I



II

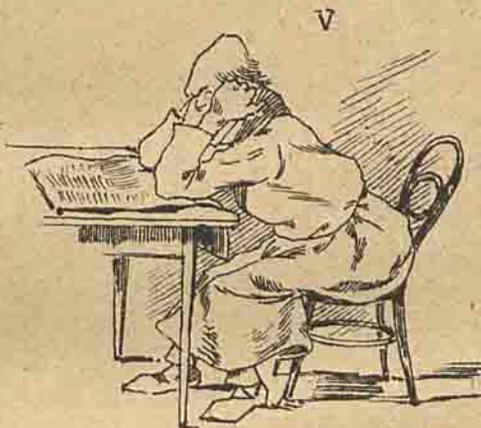


III

—Meu Deus! que horrorosa catastrophe! —E' de arripiar os cabellos! —O que será de tantos orphãosinhos sem pão?..



IV



V



VI

—O que vale é que a caridade é muita... Não lhe hãode faltar donativos... —Ih!... O que aqui vae d'elles! — Bemdita caridade! — Visto isso, escusam de contar commigo...



VII



VIII

—Com tanto dinheiro vão ficar mais ricos de que eu...

—Ora... Ha males que vem por bens.

Al. Nogueira

A despedida da Paccini e dos Andrades



A estreia de Mathilde Marcello

Enche-nos de prazer, enchendo-nos de orgulho, podermos encher uma pagina de artistas portuguezes cheios de talento que enchem de gloria este paiz tão cheio de nulidades.

